

RELIGIÃO, SECULARIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL

Drance Elias da Silva¹

“De que servem essas igrejas se são tumbas
E monumentos de Deus” (Nietzsche)

Com o advento da ciência, surge, no mundo moderno, um discurso sobre a morte de Deus. Muitos profetas da humanidade vão de viva voz anunciar essa suposta morte bem como o suposto fim da religião: Descartes, Nietzsche, Feuerbach, Marx, Freud... Por trás desse discurso, constata-se o colapso de estruturas de pensamento e linguagem que o teísmo oferecia. Aos poucos, vemos surgir uma nova maneira de pensar a vida e um novo jeito de encarar os problemas de tal maneira tão radical, que vão contradizer as velhas formas do pensar, do dizer e do fazer:

*“O cristianismo tal como existe hoje, nada mais é que uma idéia fixa, numa flagrante contradição com nossas companhias de seguro de vida ou seguro contra fogo, nossas estradas de ferro... nossas galerias de pintura e escultura, nossas escolas militares e de engenharia, nossos teatros e museus científicos”.*²

O surgimento de um novo mundo, o mundo da ciência como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, fez com que compreendêssemos que a natureza é previsível, é manipulável, é racional. Desfazia-se, assim, a intervenção de Deus como mediação para a explicação das realidades humanas. A realidade nesse momento historicamente determinado passou a ser auto-explicativa. A razão passava a ter agora os instrumentos necessários para decifrar todos os enigmas que vão sendo produzidos. Arma-se o jogo da secularização. Esse fenômeno ganha, em seu processo, seus ilustres adeptos, ou, para ser mais preciso, desenvolve-se, no meio intelectual, uma aceitação tácita, mas de contínua produção em torno desse momento. Grandes nomes vão surgindo como profundamente interessados no fenômeno religioso e passam a dar sentido à palavra de ordem de um século que parecia cansado da convivência com o absoluto e daí um grito incontido: **Deus está morto !**

E, segundo Moscovici, Deus foi morto em duas etapas. Uma primeira, relegando-O para fora do mundo e dos negócios humanos, despojados dos atributos e das forças que lhe permitem fazer sentir a sua presença e a sua autoridade; uma segunda etapa, eliminando a Sua própria existência, a fim de dominar este mundo e conduzir os negócios conforme nossa vontade.³ Porém, esse paradigma se constituiu em um certo impedimento para muitos pesquisadores e cientistas sociais, por se preocuparem em acentuar, por demais, nos seus estudos, a tese do desaparecimento de Deus da trama histórica e humana bem como também da religião, destituindo-os de qualquer função social e epistemológica. Mas, por que não conseguiam perceber, já nesse momento, (ou percebiam ?) que tudo isso se tratava de um profundo processo de transformação das sociedades e suas mentalidades como também da religião ao despontar em um novo “ethos” social ? Talvez tenha sido exatamente isso que, mais tarde, autor como Max Weber, vai em busca de novas chaves de leitura para o entendimento de todo esse processo de mudança que incide sobre a sociedade e a religião e consegue destacar com uma importantíssima obra no campo da sociologia da religião: “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Weber buscou esclarecer nessa obra, entre outros aspectos, que o cristianismo trouxe uma contribuição fundamental ao nascimento do mundo moderno, onde o autor mostra, de forma bem específica, que o protestantismo, em sua versão ascética (o puritanismo e as seitas reformadas), favoreceu a afirmação do capitalismo.

Hoje essa questão, quando colocada, não causa estranhamento, pois sua constatação se verifica ainda que de uma outra forma, na prática religiosa institucional, por exemplo, de uma igreja como a Universal do Reino de Deus, que, numa versão inesperada dentro do pentecostalismo, contribui, a sua maneira e inteiramente convicta, com esse processo de afirmação do capitalismo verificado com o avanço do mundo moderno. Nesse momento, o que é o “espírito do capitalismo” senão comportamento de cálculo dos meios em relação aos fins, de inovação econômica e de exigência ascética de poupança para investimento em ulteriores atividades e que, segundo Stefano Martelli,

*“conseguiu se firmar estavelmente no ocidente somente graças à racionalização de todos os aspectos da vida, encorajada pela reforma protestante, de modo particular pelo comportamento de ascese intramundana difundido pelo calvinismo e por outras seitas protestantes”. E continua o autor: “Contudo, seria uma incompreensão pensar que Weber atribuiu ao protestantismo o mérito (ou culpa, conforme o ponto de vista) do surgimento do capitalismo: ele sublinha claramente que se trata de um efeito não intencional, não previsto pelos reformadores e que, além do mais, hoje repercute sobre o próprio protestantismo e, em geral, põe em crise qualquer religião”.*⁴

Acredito que seja também por conta desse aspecto e de outros que o pentecostalismo vem sendo encarado dentro de uma nova perspectiva de estudo no campo do fenômeno religioso. Tal empenho em busca desses novos estudos se deva a nossa percepção de que, nos últimos decênios, o pentecostalismo ter demonstrado fôlego bastante para resistir ao novo perfil de nossas sociedades, que se mostram gozando de uma nova qualidade que se denomina de pós-moderna. Esta, no entanto, se constituindo em um momento social diferente do anterior (a modernidade) e percebendo-se pelos seguintes aspectos gerais: globalização do espaço e do tempo; integração planetária; sistema econômico universal; comunicação planetária instantânea; conhecimento como mercadoria; redução drástica do trabalho produtivo; autonomia da cultura em relação à economia etc.⁵

Pois bem, é nessa conjuntura de um novo momento social que, por exemplo, um novo tipo de pentecostalismo tem sido percebido e tomado pelos estudiosos da sociologia da religião como um dos maiores fenômenos da realidade. Esse movimento pentecostal é o movimento missionário que mais cresce no mundo. Há especialistas que acreditam que, no próximo século, o movimento superará em número de adeptos a Igreja Católica Romana, pois saem diariamente desta Igreja na América Latina em torno de 8.000 pessoas. A maioria adere às igrejas pentecostais. Na Europa, o crescimento é modesto, exceto em países católicos ou ortodoxos como França, Itália e Romênia. Nesse sentido, uma questão se impõe: Por que o Pentecostalismo encontra tanto significado na sociedade hoje? O que possibilita que sua proposta e seu sentido de vida sejam aceitos e recebidos pela grande massa pobre da sociedade brasileira, atingindo atualmente também certos setores da classe média? Não pretendo, nessas poucas linhas, dar uma resposta a tais questões, pois elas têm um fôlego muito grande e sugere um esforço intelectual até certo ponto exaustivo. Mas, apenas pontuar alguns elementos que percebemos no cotidiano dessa práxis religiosa e que faz do campo pentecostal algo atraente. Senão vejamos.

1. Percebe-se que o piano, o violino da Igreja protestante histórica são substituídos pelo tocar do pandeiro, tambor, guitarra, teclado eletrônico etc.
2. A ordem do culto não é mais semelhante a uma aula bem dada por um belo professor, mas dá lugar à emoção com expansividade de um "aleluia" ou "glória a Jesus".
3. O corpo tem condições de responder a alguma coisa que lhe fala, que lhe dá sentido; não são adeptos de um culto gnóstico, negador do mundo e do corpo; o Espírito leva o corpo a participar no culto a Deus.
4. Os pentecostais vão dar ênfase ao Espírito Santo. O elemento fundamental é o batismo no Espírito Santo. Não basta a conversão como para os protestantes

históricos; é necessário ser batizado no Espírito Santo, colocar a ênfase na ação do Espírito Santo.

5. Assumem a oração, adoração, petição e intercessão conforme o Espírito soprar sobre eles.
6. Praticam a unção dos doentes e a imposição das mãos para curar, dançam no Espírito, oferecem a mão direita como sinal de amizade.
7. A liturgia dos pentecostais é um espetáculo oral-narrativo de amizade como participação no louvor, proclamação, testemunho, depoimentos e cantos que narram um itinerário para Deus e com Deus, há profecias, línguas e interpretação. Seu culto é uma catedral de sons...⁶

Porém, existe um outro elemento bem presente e atual na prática pentecostal (principalmente, entre os neopentecostais) pelo qual não se pode passar despercebido: a racionalidade mágico-modernizante. E o que vem a ser tal racionalidade? Vejamos. Fala-se de racionalidade mágico-modernizante um tipo de relacionamento com o mundo em que a responsabilidade humana em assumir a construção histórica desse mundo parece algo ausente. Tal responsabilidade se atribui inteiramente à intervenção dos poderes e forças místicas que se encontram para além dos indivíduos concretos e suas ações. Tal atitude demanda um permanente controle ritual desse tipo de interferência. Assim, é nesse sentido que se fala em racionalidade mágica. E mais: a racionalidade mágica não se opõe a uma idéia de religião nem ao conhecimento científico. É mágica enquanto, além de se opor à razão moderna que crer na absoluta “previsibilidade e controle dos processos sociais e naturais”, segundo os padrões de reflexão por ela estabelecidos, acentua o outro extremo, pela atribuição quase exclusiva dessa previsibilidade aos poderes místicos e sobrenaturais.⁷ Procura, ao mesmo tempo, se adaptar às exigências colocadas pelas condições de vida secularizadas de uma sociedade que se transforma. Nesse sentido, ela é também modernizante, porque, de fato, está em interlocução com um mundo em processo de modernização. Entretanto, aceita integrar apenas alguns de seus aspectos, sobretudo, o da explicação científica de doenças e algumas das inovações tecnológicas (ver comportamento da Universal frente às doenças do corpo nos cultos e nos discursos bem como na versão atual do movimento carismático católico), mas de modo a subjugá-los à explicação mágica envolvente, ou seja, à crença na intervenção mística do sobrenatural na vida das pessoas, que também influencia ou determina seu destino. Assim, uma doença que não sara e/ou não é diagnosticada por médico possui uma explicação maléfica. Isso porque o pentecostalismo consegue dar um nome aos inimigos das pessoas: este é o demônio, o diabo. Os fatos, pois, acontecem porque há algo que os produz: não é a estrutura da

sociedade, é o demônio.

É também nesse sentido, principalmente, que se verifica, por exemplo, o sucesso da Igreja Universal do Reino de Deus quando da perfeita adequação de suas mensagens e práticas a demandas coletivas preexistentes.⁸ Mas não só da Universal como também da Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Maranata, Internacional da Graça Divina, Nova Vida, Renascer em Cristo...

UMA PALAVRA FINAL: RELIGIÃO E MUDANÇA SOCIAL

Poderíamos, talvez, passar agora a considerar a religião como uma forma de ideologia cuja importância reside no fato de que tem sido por meio dela que muitos povos têm conseguido, ao longo do tempo, compreender seu meio e, ao mesmo tempo, submetê-lo a alguma forma de controle. Vários estudos têm demonstrado que a religião enquanto fenômeno (e nesse sentido temos que considerar os diferentes tipos de religião) constitui uma resposta a diferentes condições socioeconômicas e, dentro destas, a diferentes grupos de interesses.

Numa perspectiva de mudança social, não há como deixarmos de lado a questão das raízes sociais da religião. Vejamos, então. Os sistemas de crenças não são, de modo algum, acidentais. Surgem como respostas a necessidades sociais. Em qualquer forma dada ou em qualquer momento dado, uma religião particular atuará como baluarte de certo tipo de relação de produção ou como instrumento para transformá-la. Isso se deve ao fato de a religião ser algo integrado ao sistema social e os indivíduos que a vivenciam refletirem tão-somente necessidades advindas de uma condição de interdependência, reflexo, portanto, de um modo de vida social. Porém, a religião possui suas próprias características e sua própria história. Algumas estão ligadas fortemente a uma formação econômica social particular; outras são mais adaptáveis. Agora, ainda que seja um reflexo das condições sociais dadas, a religião não é um reflexo passivo, mas reflete também suas próprias contradições, isto é, o fermento mesmo de sua evolução: *“geralmente conservadora, ou em certas condições históricas, pode ser a expressão das forças do progresso”*.⁹

A religião, acredito, está contida na idéia de mudança social, haja vista que aprendemos que uma ordem social, para deixar de ser tradicionalista, precisa fazer com que sua população seja ativa e produtora de novas idéias. A prática religiosa intui essa perspectiva, pois a religião, enquanto uma dimensão constitutiva da sociedade, não deve ser compreendida como algo voltado para o indivíduo somente, mas deste para fora dele mesmo. A religião, historicamente, é verificada, filosófica e sociologicamente, como um fenômeno social, e, como tal, por que não ser entendida como um fenômeno dinâmico, tal qual o próprio conceito de “social”?.¹⁰ Gostaria de encerrar essa reflexão, lembrando uma citação de Durkheim :

*“A função da religião é fazer agir-nos, de auxiliar-nos a viver. O fiel que se comunicou com o seu deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Ele está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem. Acredita salvo do mal sob qualquer força. O primeiro artigo de toda fé é a crença na salvação pela fé”.*¹¹

NOTAS

¹ Professor do Departamento de Teologia da UNICAP e Mestrando em Sociologia na UFPE.

² Feuerbach, Ludwig - A Essência do Cristianismo. Ed. Papirus, S.Paulo, 1988.

³ Moscovici, Serge - A Máquina de Fazer Deuses. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1990, p. 43.

⁴ Martelli, Stefano - A Religião na Sociedade Pós-Moderna. Ed. Paulinas, S. Paulo 1995, p. 75s.

⁵ Cf. Espinheira, Gey - Reencantamento do Mundo: individualismo e religiosidade no Brasil. Cadernos do CEAS Salvador/março/abril n. 168, p.64.

⁶ Esses elementos são levantados em estudos pela Revista Concilium/265-1996/3 Ecumenismo, sob o título: Movimento Pentecostais: um desafio ecumênico.

⁷ Cf. Lechner, Norbert - A modernidade e a modernização são compatíveis? . Revista Lua Nova, S.Paulo, Marco Zero/CEDEC n. 21, 1990, p.74 in Análise de Conjuntura Religiosa/IBRADES texto dirigido por Carlos James dos Santos à Assembléia Geral da CNBB - S. Paulo, abril de 1996 .

⁸ Cf. Mariano, Ricardo - Dossiê Magia - Revista USP n. 31, setembro/outubro/novembro 1996, p.120-131.

⁹ Waltermann, Peter. Las religiones - Ed. Iepala, Madri, 1987, p.16. (bA idéia de progresso pode ser definida como a idéia de que o curso das coisas, especialmente da civilização, conta, desde o início, com um gradual crescimento do bem estar ou da felicidade, como uma melhora do indivíduo e da humanidade, constituindo um movimento em direção a um objetivo desejável. A idéia de um universo em perpétuo fluxo não basta, pois, para formar a idéia de progresso, é necessário também uma afinidade, um objetivo último do movimento). Dicionário de Política, Ed. UNB, vol. 2, 8o edição, 1995, p. 1009.

¹⁰ Souto, Cláudio - O que é Pensar Sociologicamente - Ed. E.P.U., 1987, p.32s .

¹¹ Durkheim, Émile - Coleção Os Pensadores. Ed. Abril Cultural, 1978. As Formas Elementares da Vida Religiosa.